



*caligrafia de uma  
memória poética*

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Instituto de Artes**

Departamento de Artes Visuais

**158764**

*caligrafia de uma  
memória poética*

Gilberto Menegaz

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo  
Banca: Profa. Dra. Claudia Zanata Vicari e Prof. Me. Felix Bresan

**Trabalho de conclusão do curso de graduação em  
Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
para obtenção do grau Bacharel em Artes Visuais**

Porto Alegre, dezembro de 2011

*Tudo, e sempre, fala do Tempo que se escoia sem avanço e sem atraso, mostrando-se, fazendo-se sentir no amadurecimento dos frutos, na ida e vinda do calor e do frio, da chuva e da estiagem, no montar e descer das marés, na infância que se torna juventude e na velhice que tateia a morte, na pátina que recobre os muros e oculta os mármores consagratórios, na memória que vacila, nos retratos amarelecidos, nos sonhos olvidados, no vinho que sazona e na canção que se perde à distancia!*

*O Homem não pode fugir ao sacrifício que o Tempo lhe exige.*

*Para não perder este encontro fatal com o fugitivo criador – destruidor, esse mesmo Homem passou toda a sua história criando sistemas, construindo aparelhos, conferindo dados, apelando para os astros no esforço de conhecer, medir, controlar e se possível... prender o esguio, o inexorável aliado e inimigo, auxiliar e carrasco – o Tempo!*

**Hernani Donato**

## AGRADECIMENTOS

- Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo, pela confiança, amizade, carinho e conhecimento que sempre compartilhou;
- Aos membros da Banca, Profa. Dra. Claudia Zanata Vicari e Prof. Me. Felix Bresan, com os quais sempre me identifiquei, pela maneira simples e objetiva na transmissão e divisão de seus conhecimentos;
- A todos os demais professores do Instituto de Artes que tive oportunidade de conviver e aprender ao longo de minha formação;
- A Yzara Daniela B. Menegaz, minha querida esposa e principal cúmplice nesta aventura acadêmica;
- A Arminda Garcez, minha mãe por estar sempre ao meu lado, mesmo sem entender bem o que faço;
- A Maria Conceição Gil de Mendeiros, minha sogra e mentora;
- A Janaina Spode, sobrinha querida e colaboradora em todas as horas;
- A Sigrid Beirão, cunhada e amiga sempre disposta a colaborar;
- A todos colegas que tive oportunidade de conviver e firmar amizade;

## RESUMO

Em meio ao caótico sistema de proliferação e percepção dos números, procuro construir um repertório de ações que tragam os números a um universo poético, permitindo uma outra forma de olhar e refletir sobre os valores simbólicos que se expressam através deles. Busco a materialização dos números para que eles tornem-se visíveis, ocupando um lugar no espaço, assumindo uma condição de objeto tridimensional, propondo uma nova perspectiva.

## PALAVRAS-CHAVE

instalação; memória; cerâmica.

158764

5º ANO

## SUMÁRIO

- **Apresentação** **7**
- **Trajectoria e constituição do discurso poético** **8**
- **Definição do conceito e processo criativo** **16**
- **Forma de apresentação** **23**
- **Considerações finais** **32**

## APRESENTAÇÃO

Neste texto apresento o meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no Bacharelado em Artes Visuais, falando inicialmente sobre a constituição do meu discurso poético e sua relação com os números.

Posteriormente, falo sobre a definição dos meus conceitos, da minha trajetória artística e discorro sobre meu processo criativo até chegar à instauração e apresentação do projeto.

Encerro com as considerações finais, falando sobre os caminhos e perspectivas deste projeto.

## TRAJETÓRIA E CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO POÉTICO

Tinha 4 anos de idade quando enfrentei pela primeira vez um desafio escolar. Ainda tenho vivo na lembrança a minha prematura, mas gratificante, presença em uma sala de aula, acompanhando por um dia meu irmão, que tinha dois anos a mais que eu e já estava no primeiro ano escolar. Não lembro o motivo, mas minha mãe levou-me para a escola junto com ele, solicitando uma permissão especial junto à direção da escola, para eu poder acompanhá-lo naquele dia. Estava empolgado e ansioso, queria mostrar que era merecedor da confiança de minha mãe. Foi uma tarde inesquecível, marcante e reveladora.

A alegria de estar ali pela primeira vez, somadas a uma grande ansiedade, levou-me na busca de uma justificação, de fazer bem feito os desafios de um exercício de caligrafia. Assim, lancei-me na tentativa de ‘desenhar’ à perfeição os primeiros números e letras da minha vida. Desafio que obrigou-me a fazer e apagar diversas vezes, chegando ao limite, rasgando e trocando de papel, quebrando e refazendo a ponta do lápis por diversas vezes. Por não achar bem feito me entreguei ao choro, sem, no entanto, abandonar a busca. Neste desafio se revelaram questões que levaria para sempre em minha vida.

Por volta dos dez anos fui tomando consciência do significado de outras palavras e suas relações com fatos do meu dia-a-dia. Vencer e perder foram as primeiras e mais difíceis palavras que encontrei significados e relações. Por serem antagônicas, suscitavam diferentes emoções, como alegria e tristeza, prazer e dor, vida e morte.



Foi nessa época que perdi minha avó, vencida pela morte. Voltei a chorar. Chorei pela dor da sua perda, pela saudade imposta pela sua ausência. Mas chorei mais por entender que nosso corpo tinha limites e a morte estava logo ali, além dele. Assim compreendi que eu, o lápis, o papel e a vida tinham seus limites.

*Ganhamos ou perdemos quando encontramos, superamos ou ficamos dentro dos limites e dos parâmetros do equilíbrio.*

*Ganhamos ou perdemos com a passagem do tempo. Tempo que se transforma em memória.*

*Memória que se nutre do tempo.*

*Tempo e memória são limites para o homem. Equilibrados seguimos pelo devir da nossa existência.*

A morte me fez perceber a importância do equilíbrio das coisas, dos limites impostos pelo tempo e a importância da memória, que foi o que restou de minha avó. Me fez descobrir que limites são índices quase sempre invisíveis, indicadores de um ponto, o último antes da ruptura, antes do desequilíbrio. Então percebi que índices são representados quase sempre por números, e os números servem para mostrar o equilíbrio, para marcar o tempo, para ordenar nossa memória. Descobri que os números balizam nossas vidas.

No aprendizado da linguagem escrita, superando os desafios da minha primeira experiência em sala de aula, me encantei e me dediquei aos exercícios de caligrafia. Era a minha forma predileta



*O cárcere invisível, imposto pelos números que nos cercam, nos prendem e consomem lentamente com o passar do tempo.*

*O passar do tempo nada mais é do que o acúmulo do número de segundos, de minutos, de horas, de dias, de anos.*

*Difícil zerar o tempo para viver fora da hora.*

*A contagem nunca para...*



*Meus ídolos não tinham limites, eram desequilibrados, tornavam meu tempo feliz. Ouvir seus nomes e números saindo daquela caixa de madeira, me conduziam a um plano imaginário da imensidão do tempo. O ruído emitido pela falta de sintonia era como uma tempestade. Então debruçado em frente ao rádio, olhando para os números do dial, buscava lentamente entrar no tempo futuro, que se anunciava pela luz verde que acendia ao encontrar a conexão perfeita...*



de desenho. E a caligrafia dos números passou a ser significativa para mim devido ao esporte. Precisamente o futebol e o automobilismo.

Meus ídolos eram identificados pelos números de suas camisas, como o '1' do goleiro Gilmar, o '7' do Garrincha, o '10' do Pelé, e o '9' da *carretera*<sup>1</sup> de meu pai, piloto de automobilismo. Nessa época os números do mundo chegavam para mim pelas ondas do rádio capelinha do meu avô.

Minha infância ocorreu no período em que a democracia brasileira buscava equilíbrio, mas que, por algumas fraquezas ou excesso de força, perdeu a noção de limite. Isto levou a ruptura do equilíbrio democrático e a instauração da ditadura militar. O resto de minha infância, adolescência e início de minha vida adulta, vivi sob o poder do regime militar que impôs seus limites rígidos durante **21** anos, de **1964** a **1985**.

Nesse período busquei a conscientização política para melhor entender a falta de equilíbrio entre os homens, as distorções sociais impostas por diferentes regimes, capitalismo x socialismo. A falta de limites na busca da riqueza material em oposição ao excesso de limites impostos pelo Estado burocrático. Guerra Fria, Ditadura Militar, poucos ganhos, muitas perdas, e a minha dolorosa constatação de que o equilíbrio entre os povos é uma utópica busca que não sobrevive fora do discurso, os números são desiguais.

<sup>1</sup> Carretera: carro usado em competições automobilísticas no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, nas décadas de 1940 e 1950, de origem Argentina, geralmente das marcas Chevrolet ou Ford.

Na Faculdade de Arquitetura, quando entrei em **1977**, deparei-me novamente com questões relacionadas ao equilíbrio, aos limites, ao tempo e a memória. Percebi que, neste meio, quase tudo gira em torno destas palavras e que os números atuam como coeficientes que sustentam o resultado harmônico e estético das construções.

*Tempo de números estranhos,  
obscuros, escondidos, manipulados,  
desaparecidos, torturados, difíceis  
de entender.*

*Tempo de números montados,  
fantasiados, propagados, divulgados,  
feitos para vender.*

Nas Artes Gráficas, encantei-me com seus processos na dinâmica de um jornal diário como a Zero Hora, no qual passei a trabalhar como arte finalista, em **1985**. Aprendi a dominar a técnica de cortar e colar letras e números, adquirindo



habilidade com estiletes e tesouras, em cortes de paciência e precisão. Lá também estavam as mesmas questões e seus números. Assim como na arquitetura, equilíbrio, limites, tempo e memória estão presentes nas bases de um bom trabalho gráfico. O equilíbrio de um título e um texto tem limites de números de toques; o bom projeto gráfico tem que ser equilibrado, com limites de textos e imagens; a boa impressão depende do equilíbrio entre os pontos de retículas, que dependem do limite da carga de tinta, que deve estar equilibrada nos tinteiros das máquinas impressoras, que são controlados e ativados por números.

Encontrei na cerâmica, em **2004**, no Ateliê Livre do Centro Municipal de Cultura, uma forma de me expressar

*Os impressos são resultado do equilíbrio das tintas que escorrem dos tinteiros, encharcando ponto a ponto as retículas, registrando a passagem do tempo. Os números impressos são referenciais da memória.*



artisticamente. Esta experiência me levou ao vestibular e assim, em **2007**, ingressei no Instituto de Artes – IA/UFRGS. Para minha satisfação encontrei no IA grandes mestres, em especial no Ateliê de Cerâmica, onde encontrei o professor Rodrigo Nuñez e dois novos professores que também estavam ingressando no IA, o Carlos Augusto Nunes Camargo, vindo de Campinas/SP, e a Cláudia Zanata, retornando da Espanha. Com eles descobri a importância de buscar uma identidade para o meu trabalho. Eles foram de fundamental importância na minha trajetória acadêmica, e souberam transformar as aulas no ateliê de cerâmica em um lugar em que todos se sentem acolhidos e estimulados a produzir criativamente.

Na disciplina de Desenho, com o professor Nico Rocha, em exercícios de percepção e reflexão criativa, cheguei ao encontro dos números e percebi que há bastante tempo eles me inquietavam. A crise financeira internacional, em **2008**, se espalhava pelo mundo, e uma avalanche de números tomou conta dos meios de comunicação. Nesse momento, percebi a importância histórica dos números e sua força e dimensão no mundo contemporâneo, passando a me dedicar a pesquisa das suas origens e significados.

Os números, tal qual os conhecemos hoje, foram introduzidos no mundo ocidental pelo comerciante italiano conhecido como Leonardo de Pisa, por volta de **1202**. Até Leonardo, também conhecido como Fibonacci, em suas viagens comerciais pelo mundo árabe descobriu os algarismos hindu-arábicos representados pelos símbolos hindus **9, 8, 7,**

**6, 5, 4, 3, 2, 1**, mais o símbolo **0**. Percebeu que, com estes algarismos, qualquer quantidade poderia ser escrita e assim serem somadas, subtraídas, multiplicadas e divididas. Logo, este conhecimento se espalhou pela Europa, democratizando o conhecimento matemático, facilitando e simplificando o cotidiano das pessoas.

O progresso do mundo ocidental deve muito a Fibonacci. Graças a seus ensinamentos houve a evolução e a unificação do método de contagem do tempo que, nesta época, não obedecia uma regra geral. Cada cultura tinha a sua própria forma de medir e contar seus dias. Foi apenas no dia **15** de outubro de **1582**, através da Bula do Papa Gregório XIII, que a maioria dos países cristãos passaram a adotar um calendário único, baseado em que **1** anos tem **365** dias, de **24** horas cada, distribuídos em **12** meses. A implantação deste calendário como universal sofreu várias resistências e somente em **1923**, há apenas **88** anos, conseguiu se consolidar, quando o último país, a Rússia, aderiu a este sistema.



Os estudos numéricos, suas relações matemáticas, geométricas e suas formas de representação passaram a se fazer presente também nas artes. Artistas de épocas diferentes como Leonardo da Vinci, Kasimir Malevich, Piet Mondrian, Jasper

*Calendário*

Jonhs, Robert Indiana, On Kowara, Paulo Climachauska e Raquel Kogan, entre outros, passaram a usar os números como referência em alguns de seus trabalhos. Vendo os trabalhos destes artistas decidi seguir minha pesquisa sobre este tema tão abrangente e instigante, tentando traduzir poeticamente seu significado para mim.



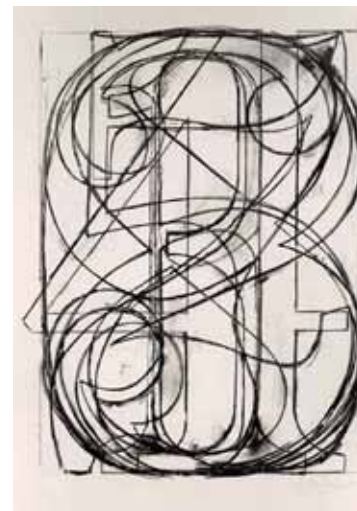
*Robert Indiana*



*Robert Indiana*



*Jasper Jonhs*



*Jasper Jonhs*



*Paulo Climachauska*

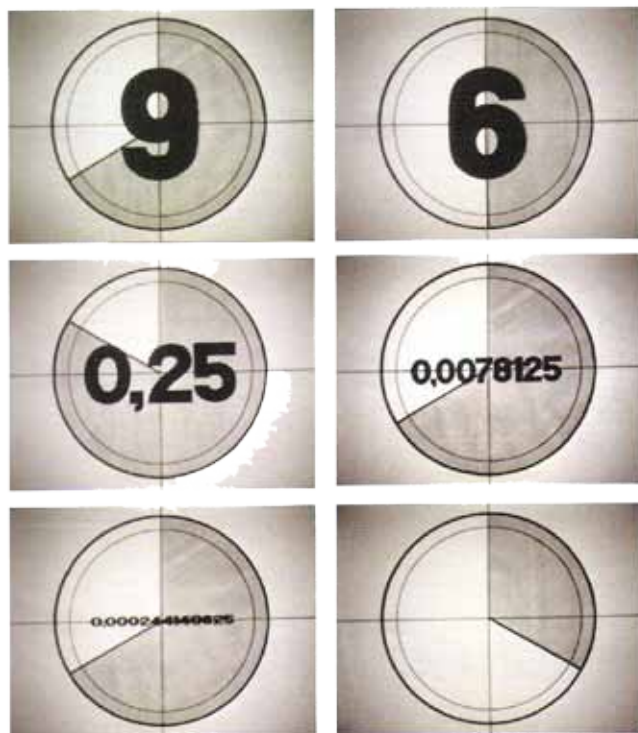


*On Kawara*



*Raquel Kogan*

**A FLEXA DE ZENÓN**  
 Jorge Macchi 1992  
 (com David Oubiña)  
 Vídeo



## DEFINIÇÃO DO CONCEITO E PROCESSO CRIATIVO

Na 6ª Bienal do MERCOSUL, em 2007, tive a feliz oportunidade de conhecer a obra do artista argentino Jorge Macchi, exposta no Santander Cultural de Porto Alegre/RS. Foi uma experiência fundamental para mim, pois encontrei nos trabalhos deste artista um nexos com o que penso e pretendo passar com o meu trabalho. De uma maneira geral,

como relata Gabriel Pérez-Barreiro<sup>1</sup>, o trabalho de Macchi num primeiro contato “provoca uma impressão desconcertante: a de acharmo-nos frente a uma incerteza de baixa intensidade e, ao mesmo tempo, poderosa, escondida em algum lugar dentro ou detrás de um objeto que, inicialmente, anuncia-se como algo formalmente puro e inócuo”. (BARREIRO, 2009, p. 29). Gabriel disse mais, que esses objetos passam “por um processo de desfamiliarização a ponto do óbvio tornar-se extraordinário. É quase como se a fração de segundo entre a percepção e a compreensão tivesse a sua marcha reduzida e fosse preenchida com conteúdo”. (BARREIRO, 2009, p. 30).

No trabalho, *A Flexa de Zenón*, Macchi nos apresenta em um vídeo, a contagem regressiva para o início de um filme. Na tela vão surgindo números em escala decrescente de segundos, a partir do 9. Ao chegar no 1, o segundo final, o tempo passa a ser dividido

<sup>1</sup> Gabriel Pérez Barreiro, Curador adjunto da 6ª Bienal do MERCOSUL, e autor de um dos livros integrante do projeto editorial desta bienal que trata da obra de Jorge Macchi.



por dois, e novamente por dois, e novamente por dois, eternamente, até desaparecerem gradualmente, atrasando o início do filme para sempre. (BARREIRO, 2009, p. 42). Macchi busca neste trabalho a representação visual do infinito, tendo os números como o fiel balizador deste processo irreversível e angustiante da contagem regressiva do nosso tempo.

Falando especificamente do trabalho *Escalón*, que consistia em um degrau retirado de uma escada, que ao primeiro olhar nos remete e nos faz sentir diante da imagem de um caixão fúnebre, disforme e irregular, mas que ao olhar mais aprofundado retornava a sua condição original, a de ser um degrau de uma escada que não leva a lugar nenhum, Gabriel Pérez-Barreiro comenta que “essa conjunção de significados

em torno de um único objeto é típica da busca de Macchi por camadas múltiplas de ressonância, quase como se o objeto estivesse dentro de uma câmara de ecos onde memórias pessoais podem colidir com idéias filosóficas”. (BARREIRO, 2009, p. 29).

A partir da visão e compreensão da obra de Jorge Macchi, passei a pensar em abordar os números como um objeto que sai do plano mental e ganha materialidade, ganha forma, assume tridimensionalidade, ocupando um lugar no espaço. Quero que os números corram e assumam o risco de parecerem objetos

**ESCALÓN**  
Jorge Macchi 1995  
Madeira e tapete



não apenas puros e inócuos, mas também desconcertantes pelas incertezas de pensamentos que geram.

Acho importante dizer que a abordagem que faço dos números não se dá pelo ponto de vista da matemática, mesmo entendendo que os números estejam presentes e se articulem originalmente nesta área e que através dela se propaguem em todas as esferas do nosso pensamento e atividades.

A abordagem que faço dos números está relacionada a sua presença enquanto um agente que percebemos constantemente em nosso cotidiano, com suas características de um símbolo que atua quase como uma linguagem universal, de fácil representação gráfica e compreensão no mundo ocidental, mas que parecem ficar ausentes do nosso pensamento ou mesmo ocultos, restritos ao plano do melhor não vê-los, melhor não percebê-los e só assimilá-los se for necessário.

Isto é o que ocorre na maioria das vezes. Parece que acionamos mentalmente um mecanismo de defesa emocional em relação aos números, devido a uma espécie de insegurança, decorrente de seus múltiplos significados, da saturação e banalização das informações relacionadas a eles, do seu complexo sistema de exposição e inclusão nos mais variados níveis, pulverizados nas mais diferentes formas de mídias. A sua exposição e exploração midiática normalmente está relacionada a informações que são cada vez mais dramáticas e comuns em nossos dias. São números relacionados a guerras, escândalos, mercado financeiro, acidentes e mortes no trânsito dos meios de transporte,

mortes por catástrofes naturais, por balas perdidas, por doenças patológicas e transmissíveis, crimes hediondos, por desrespeito e abusos com mulheres e homens, sendo crianças, jovens ou velhos. São números que distinguem e excluem pessoas, dão e limitam acessos. São números de toda ordem que aparentemente perdem o seu significado, tornando-se informações banais, pertencentes a um universo aparentemente distante do nosso.

É nesse contexto em meio ao caótico sistema de proliferação e percepção dos números que tenho procurado, enquanto artista, construir um repertório de trabalhos que tragam os números a um universo poético, que permita uma outra forma de olhar e uma reflexão maior sobre os valores simbólicos que se expressam através deles. Este é o assunto do meu projeto. Busco a materialização dos números para que eles tornem-se visíveis, que ocupem um lugar no espaço, assumindo uma condição de objeto tridimensional, propondo uma nova perspectiva em relação a sua percepção.

Pretendo atingir meus propósitos promovendo a materialização dos números enquanto algarismos unitários, em sua escala progressiva, do '1 ao 9', mais o complemento do '0'. Esta materialização se dará através do processo cerâmico, onde transformarei os números em objetos tridimensionais, livrando-os do suporte bidimensional onde tradicionalmente são representados.





**NÚMEROS DA ÁGUA**  
Gilberto Menegaz 2008  
35 x 40 x 25 cm

O primeiro trabalho que realizei na forma tridimensional, usando números modelados em cerâmica, foi *‘Os números da água’*, em **2009**. Este trabalho fez parte de uma exposição sobre “água”, na Galeria do DMAE. Produzi diversos números que ficaram suspensos por fios de nylon colocados dentro de um aquário com água, tendo ao fundo um espelho. Neste espelho escrevi diversas palavras relacionadas às questões ambientais ligadas a água. Neste trabalho procurei propor o inevitável encontro entre o observador e a sua imagem no espelho, ao tentar ler as palavras que estavam coladas ao mesmo. A sua imagem ficava sobreposta pela imagem dos números e pelas palavras, propondo um jogo de percepção com duplo sentido, alertando para os números que envolvem a água e a nossa relação com eles. Ver os números sobrepostos construindo um volume no espaço me motivou a novas buscas.

Posteriormente, no trabalho *‘Estranhos’*, que realizei para participar da exposição do Acervo Cerâmico do Núcleo de Instauração da Cerâmica Artística, os números ficaram contido dentro de uma redoma de vidro. Ao projetá-lo procurei usar os números de uma maneira que pudesse causar estranhamento e inquietação nos observadores ao longo do tempo.

Para esse trabalho, busquei através da mistura de diversas massas cerâmicas, diferentes colorações para os números, que foram trespassados pela incisão de arames e pregos e levados para queimar como se fossem pequenos nichos intrincados uns aos outros, buscando o equilíbrio entre



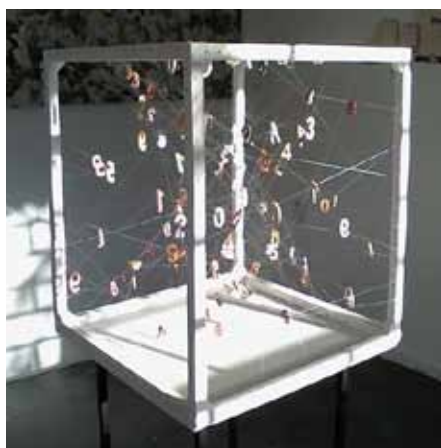
**ESTRANHOS**

*Gilberto Menegaz 2010 redoma de vidro  
Números cerâmicos, pregos e arames*

eles. O resultado plástico ficou de acordo com a idéia que procurei passar, de um frágil equilíbrio, de um certo caos, de destruição inevitável dos números que nos sustentam. As pessoas ao olhá-los e ao mesmo tempo ler o seu título 'Estranhos', se sentem induzidas a pensar: por que estranhos? A resposta, cada um leva consigo.

Em outro trabalho que realizei, chamado 'Trama', abandonei a forma contida do aquário e da redoma de vidro, me aproximando mais do que apresento agora no meu TCC. Para a realização deste trabalho construí um cubo com arestas de madeira, perfurada, por onde passavam os fios de nylon originando uma trama, que serviu de suporte para os números.

Essas experiências me fizeram constatar que a cerâmica, comparada a outros materiais, é a melhor opção para a construção dos números, pois me oferece a plasticidade. Fatores como este, considero fundamental no meu processo de trabalho, uma vez que permite a construção manual de cada número. A argila me proporciona opções que dificilmente eu encontraria em outros materiais. Na cerâmica desenvolvi uma técnica que se relaciona ao meu passado na área gráfica como arte finalista. Consiste em abrir placas cerâmicas e caligrafar os números que estão impressos em folhas A4, definindo todos os números. Depois, com um estilete vou cortando individualmente número a número e ajustando cada um, furando, inserindo outros elementos como arames, pregos, etc . A cerâmica possibilita também optar por diferentes gamas de cores através da mistura de diferentes



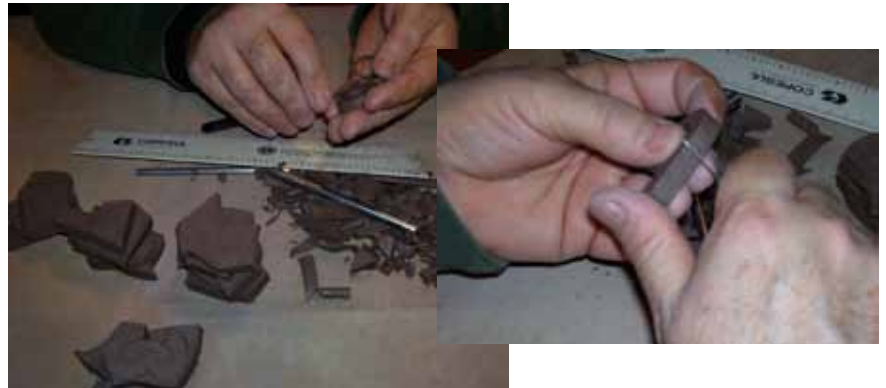
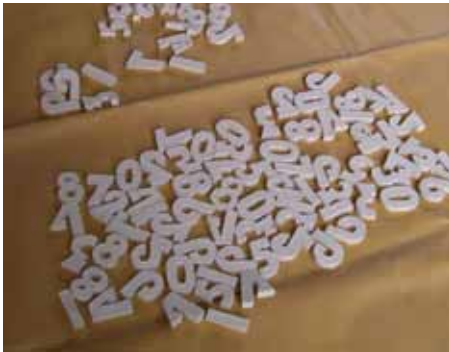
**TRAMA**

*Gilbert Menegaz 2010  
Madeira, fios de nylon,  
números cerâmicos*



massas ou aplicando engobes e esmaltes com pigmentos cerâmicos, além de poder dimensionar os números em diferente tamanhos e desenhos. O conhecimento, decorrente da experiência que adquiri ao longo de minha vida acadêmica e na prática de atelier aponta que este é um caminho viável para tornar realidade meus projetos com os números.

*Na cerâmica desenvolvi uma técnica que se relaciona ao meu passado na área gráfica como arte finalista*



## FORMA DE APRESENTAÇÃO

Antes de apresentar o projeto artístico à minha banca do TCC, tive a oportunidade de apresentá-lo em uma exposição coletiva, intitulada Memoriais de um Urbano, ocorrida de 11 de agosto a 9 de setembro de 2011, no Porão do Paço, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Dividi este espaço em parceria com meu professor e orientador, Carusto Camargo, e com Guto Maahs, colega do curso de Artes Visuais e também orientando do Carusto.

O Porão do Paço é um lugar histórico, que abrigou entre suas paredes durante muitos anos a Cadeia Pública da capital gaúcha, no início do século XX. O 'Porão' oferece um clima muito particular, possibilitando um contato com a base estrutural do imponente prédio onde está instalado o poder municipal, construído no final do século XIX, com característica arquitetônicas de estilo neo-clássico, rico em símbolos positivistas.

O espaço expositivo do 'Porão' se distribui entre as pesadas colunas e vigas sem reboco, que deixam à mostra o assentamento de grandes tijolos tramados, formando as colunas e os arcos em estilo romano. A pouca incidência de luz natural direta provoca uma penumbra que preenche os espaços, só quebrada pela luz artificial dos spots, que pontualmente iluminam as obras ali expostas.

Nesse ambiente instigante, cheguei para instalar meu trabalho três dias antes da abertura da exposição, marcada para às 19 horas, do dia 11 de agosto. Estava ansioso para ver

na prática como iriam funcionar as idéias e conceitos que ao longo de mais de seis meses, desde da aprovação do nosso projeto em edital público, vinha esquadrinhando em meus pensamentos. Era chegada a hora de expor meu trabalho em um ambiente maior, da mesma forma que pretendo na apresentação do meu TCC.

Pela primeira vez meu trabalho seria uma instalação, ganharia o espaço de um ambiente específico, numa clara evolução de suporte em relação ao que eu já havia proposto em trabalhos anteriores. Os números, que já haviam sido apresentados na forma contida de um aquário, confinados em uma redoma de vidro ou delimitados ao espaço de um cubo, agora ganhariam um novo significado ao serem apresentados como uma instalação.

Esta foi, sem dúvida, uma excelente oportunidade para testar os conceitos e pensamentos que dão suporte a minha poética e ver sua sustentação diante do público espectador. O processo de instauração deste trabalho no espaço compreendido entre quatro colunas do 'Porão' foi extremamente enriquecedor. Foram dias de intenso trabalho





na construção de uma 'tramóia' de fios de nylon para sustentar os números cerâmicos. Neste exercício consegui perceber perfeitamente o significado de *conceitos operatórios*, tal qual define Sandra Rey:

Então sob o prisma da obra em processo, a produção de sentido configura-se nas operações realizadas durante a sua instauração. As operações não são apenas procedimentos técnicos, são operações do espírito, entendido, aqui, num sentido amplo: viabilização de idéias, concretizações do pensamento. Cada procedimento instaurador da obra implica a operacionalização de um conceito. Por isso, os nomeamos *conceitos operatórios*. (REY, 1996 p. 130)



Cada fio de nylon foi esticado e tensionado quase ao seu limite de ruptura. O peso dos números cerâmicos, que iam sendo meticulosamente fixados e equilibrados na trama, aumentava a tensão nos ponto de fixação, causando uma incerteza quanto a sua estabilidade e possível ruptura. Os números, ao mesmo tempo em que sobrecarregavam a trama com seu peso, também serviam para sustentá-la com a tensão maior provocada nas linhas de nylon, servindo também como âncoras no espaço, possibilitando novas tramas. Assim se estabeleceu um paradoxo operacional, tramas que sustentam números e números que sustentam tramas.



A operação, passo a passo, a cada ação, me fornecia novas possibilidades de caminhos, reforçando o que diz Sandra Rey mais adiante, na continuidade do texto citado acima:

A obra *se fazendo* constitui-se numa utopia na medida em que a idealização de um projeto é como o lançar de uma flecha: partimos de um ponto determinado como uma mira, porém o ponto de chegada só poderá ser determinado pela trajetória. Não podemos prever com exatidão os caminhos pelos quais a obra se concretizará. “A obra é caminho dela mesma”, segundo Paul Klee. Essa *trajetória*, lugar onde a utopia se realiza, define-se com pertinência no conceito de *instauração*. (REY, 1996 p. 134)



Em nota de rodapé Sandra nos apresenta a definição de René Passeron sobre instauração:

Instaurar uma obra de arte é dar existência a um ser que não existia antes. Contém a idéia de uma energia interna, como se a obra instaurada tivesse, a partir de um instante, que não é o instante em que está acabada, a força de irradiar por si mesma. (PASSERON, *apud* REY, 1996, p. 134)

As observações e comentários das pessoas que se aproximavam, durante o processo de instauração da obra, me forneceram igualmente novas visões e possibilidades de percepção através deste trabalho. Constatei que os números funcionam como uma espécie de linguagem universal, que transmitem uma grande força enigmática, fornecendo significados distintos para cada indivíduo. O código para decifrá-los é único, individual, assim como a percepção oferecido pela visão completa da obra após a sua conclusão. Ao percorrer o seu entorno era possível sobrepor visualmente camadas diferentes de números que, abandonando a sua condição de algarismo unitário, poderiam compor com outras unidades, outros números, formando dezenas, centenas e milhares de combinações numéricas.



Poder observá-los suspensos por fios de nylon, expostos como objetos ocupando um lugar no espaço e poder estar próximo, penetrando parcialmente nesta trama, foi algo que provocou estranhamento e inquietação. Ao ver de perto a materialidade dos números as pessoas percebiam que

eles eram feitos em cerâmica, com diferenças de texturas, tamanho, cor e acabamento. A grande quantidade de números utilizados na composição da trama induzia ao pensamento inicial de uma produção em escala, de múltiplos, gerados a partir de uma matriz.

Este é um aspecto importante, do qual já me referi ao descrever o processo de produção do trabalho: os objetos em forma de números que utilizo são todos desenhados em placas cerâmicas e cortados um a um, com o uso de um estilete. Todos são diferentes, apesar de se repetirem enquanto



algarismos. Uns são mais arredondados, lisos, ásperos, finos, grossos, grandes ou pequenos. O processo é metódico, caligráfico. Parece ser inadequado para muitos por requerer paciência, parecer lento, de pouca produtividade, mas que para mim resulta em uma prática comum, tautológica, que executo quase como um mantra.

No projeto artístico que submeto à avaliação da minha banca no TCC, pretendo seguir o mesmo caminho da exposição no 'Porão', ou seja, vou fazer uma instalação de números cerâmicos que ocupe o espaço entre a coluna e a parede da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Os números ficarão suspensos por fios de nylon, formando uma trama espacial. Meu código de registro de aluno na UFRGS, representado pelos números 158764, será o título do meu trabalho artístico. Estes números são de uso privado, pertencentes a uma rede de informações e conexões administrativas diversas, que não percebemos, mas que norteiam a nossa vida acadêmica e nos unem para sempre a esse sistema.

Residem incertezas em relação à montagem e percepção do meu trabalho. No 'Porão', diversos fatores potencializavam os conceitos propostos, as paredes de tijolo a vista, a baixa incidência direta de luz, as sombras que se projetavam no espaço, a textura semelhante da cerâmica dos números com as paredes, a transparência e materialidade da trama, a circularidade em torno da obra, etc. Na Pinacoteca as condições são diferentes. O espaço é claro e aberto, as paredes são brancas, e as possibilidades de percepção serão outras, assim como o processo de instauração também será.

Mas este é o desafio do meu projeto. Neste espaço consagrado das Artes Visuais de Porto Alegre, me apresentarei como mais um número, entre tantos outros, procurando justificar e legitimar minha formação como um bacharel das Artes Visuais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando entrei no Bacharelado em Artes Visuais, em 2007, procurei encontrar os caminhos que me levassem a um maior conhecimento das questões que envolvem os domínios do campo das artes. Nesta busca, com o passar dos anos, encontrei conhecimentos que suscitaram muitas questões e apontaram em diversas direções. O território da arte é muito amplo, com limites movediços, principalmente pela constante evolução das novas tecnologias de comunicação e informação.

Fiz minhas escolhas e definições. Encontrei na cerâmica, uma arte milenar, um bom caminho para seguir e desenvolver minha pesquisa poética. Com ela cheguei ao final do meu percurso acadêmico e percebo uma evolução do meu projeto artístico, que hoje aponta na direção de uma instalação, de uma ocupação de espaço. Isto ocorreu de uma maneira natural, diria até que inevitável, vital para o amadurecimento da minha trajetória.

Refletindo sobre esta evolução, me deparo com questões que até pouco tempo nem cogitava. Como o caráter efêmero da minha obra, suas possibilidades e sustentabilidade, seus desdobramentos e implicações mercadológicas. Como isto poderá ocorrer? São questões pertinentes aos domínios da arte, seu mercado e campo de atuação.



Em síntese, meu projeto é uma simbiose entre a caligrafia da memória poética dos números e o seu processo de instauração como obra, instalada no espaço, e, sua construção poética. A obra existirá por determinado tempo e restará apenas como memória, em registros fotográficos do seu processo e exposição. Penso que poderá haver outros desdobramentos possíveis com deslocamentos por outros caminhos, como projetos de *site specific*, direcionando para espaços abertos, de caráter público e ambiental.

Passados longos anos, me sinto ainda como aquele menino no distante ano de **1964**, quando eu tinha **4** anos de idade. Ainda busco hoje as mesmas coisas. Ou seja, justificarme, mas agora como artista.



## REFERÊNCIAS

### LIVROS:

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. **6ª Bienal do Mercosul**: Jorge Macchi. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2007. 204 p. (-). -.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação**: Construção da obra de arte. Vinhedos/sp: Editora Horizonte, 2006. 178 p. (-). -.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero**: Metodologia de Pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade/ufrgs, 2002. 160 p. (-). -.

IFRAH, Georges. História Universal dos Algarismos. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.

LÍVIO, Mário. Razão Áurea – a história de Fi. São Paulo: Record, 2011.

DONATO, Hernâni. História do Calendário. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

### IMAGENS DE REFERÊNCIAS:

--. **Imagem equilíbrio**: -. -. Disponível em: [http://arteum.terra.com.br/arte\\_integra.php?id=258](http://arteum.terra.com.br/arte_integra.php?id=258)

Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem relógio**: -. -. Disponível em: <http://institutochicoxavier.com/index.php>. Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem rádio**: -. -. Disponível em: <http://www.blogdaestacaofm.blogspot.com/>. Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem desaparecidos**: -. -. Disponível em: <http://rosanaloka.blogspot.com/2008/03/revoluo-de-31-de-maro-de-1964.html>.

Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem tipografia**: -. -. Disponível em: <http://napse.com.br/blog/?tag=tipografia>. Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem Jasper Jonhs**: -. -. Disponível em: <http://blogdofavre.ig.com.br/tag/arte/page/67/>. Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem Robert Indiana**: -. -. Disponível em: <http://www.popartheaven.com/perl/search.pl?CO=0259>. Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagens Robert Indiana**: -. -. Disponível em: [http://miabelamilan.blogspot.com/2007/03/cows-and-love\\_4698.html](http://miabelamilan.blogspot.com/2007/03/cows-and-love_4698.html).

Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem On Kawara**: -. -. Disponível em: [http://www.creativethriftshop.com/Artist/images\\_EricDoeringer/\\_paint\\_EricDoeringer\\_bootleg.htm](http://www.creativethriftshop.com/Artist/images_EricDoeringer/_paint_EricDoeringer_bootleg.htm). Acesso em: 27 jun. 2011.

--. **Imagem Paulo Klimachauska**: -. -. Disponível em: [http://arteum.terra.com.br/arte\\_integra.php?id=258](http://arteum.terra.com.br/arte_integra.php?id=258). Acesso em: 04 dez. 2011.

--. **Imagem Raquel Kogan**: -. -. Disponível em: <http://barogaleria.com/noticias/18-11-11-a-12-02-12-raquel-kogan-e-rejane-cantoni-no-paco-imperial>/Acesso em: 04 dez. 2011.

--. **Imagem Calendário**: -. -. Disponível em: <http://licenciadosemgraduacaoufrj.wordpress.com/2010/12/17/calendario-ceg-2011/> Acesso em: 04 dez. 2011.

--. **Imagem de obras de Jorge Macchi**: livro **6ª Bienal do Mercosul**: Jorge Macchi. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2007. 204 p. (-). -.

--. **Demais imagens do arquivo pessoal de Gilberto Menegaz.**